



Comunidade Vila Aparecida, Cáceres, MT: memória, elementos socioculturais e festividades

Vila Aparecida Community, Cáceres, MT: memory, sociocultural elements and festivities

Jayne Santos Borges

Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2017 – 2019),
<https://orcid.org/0000-0003-1070-8101>, jayne.borges@unemat.br

Aumeri Carlos Bampi

Doutor em Filosofia e Ciências da Educação (1995 – 2000) pela Universidade de Santiago de Compostela, <https://orcid.org/0000-0002-3410-9376>, aumeri@unemat.br

Maria Antonia Carniello

Doutora em Biologia Vegetal (2003 – 2007) pela Universidade Estadual Paulista,
<https://orcid.org/0000-0002-7474-4227>, carniello@unemat.br

Renata Maria da Silva

Mestre em Geografia (2017-2019) pela Universidade do Estado de Mato Grosso,
<https://orcid.org/0000-0003-3919-962X>, renatamaria.enzo@gmail.com

Recebido em: 04/10/2023 / **Aceito em:** 03/04/2024
DOI: 10.12660/rm.v16n25.2024.90193

Resumo

O estudo realizado junto à Vila Aparecida, Cáceres, no ano de 2018, teve como objetivo compreender a organização e desenvoltura sociocultural e histórica da comunidade rural situada na região sudoeste de Mato Grosso. Esta pesquisa é de cunho qualitativo, de caráter etnográfico e envolveu a observação participante e entrevistas com moradores locais. O resultado apontou que a população local mantém uma identidade tradicional, tanto em aspectos de relação sociedade/natureza, quanto socioculturais, evidenciados quer pela cotidianidade quanto por momentos de culminância como a Festa de Nossa Senhora Aparecida e a Festa da Banana.

Palavras-chave: Comunidade Rural; Cotidiano; Festejos populares; Tradições culturais; Vila Aparecida.

Abstract

The study carried out in Vila Aparecida, Cáceres, MT, in 2018, aimed to understand the sociocultural and historical organization and resourcefulness of the rural community located in the southwest region of Mato Grosso. This research is qualitative and ethnographic in nature and involved participant observation and interviews with local residents. The result showed that the local population maintains a traditional identity, both in aspects of the society/nature relationship and sociocultural aspects, evidenced both by daily life and by culminating moments such as the Festa de Nossa Senhora Aparecida and the Banana Festival.

Keywords: Rural Community; Daily; Popular Celebrations; Vila Aparecida.

Introdução

Situada no Sudoeste do Estado de Mato Grosso, a Comunidade de Vila Aparecida é parte do distrito de Cáceres, localizada a 30 km da sede, compondo uma área geoambiental de biomas convergentes: Cerrado, Amazônia e Pantanal. A variação justifica a riqueza e a diversidade florística presentes (Guarim Neto, 2006). Entretanto, locais como esse, a partir do momento em que passam a ser afetados pelas frentes de expansão agrícola, sofrem intervenções socioambientais, com mudanças significativas nas comunidades (Leão *et al.*, 2017).

Os estudos de comunidade compõem uma modalidade de pesquisa na qual a vida social se torna objeto de investigação minuciosa. Tendo por finalidade analisar a interconexão de fatos e processos sociais, a comunidade é o foco no qual decorre sua desenvoltura (Oliveira; Maio, 2011). O valor atribuído a este objeto de estudo envolve um processo de interações e significados.

Historicamente, a proteção e conservação dos saberes tradicionais contidos nas Comunidades Tradicionais fazem parte de uma agenda marcada por lutas sociais que incluem aspectos como: território, ambiente local, saberes, autodenominação, inclusão social e direitos culturais (Moreira, 2007). Devido aos elementos naturais estarem cada vez mais escassos na sociedade urbano-industrial, as Comunidades Tradicionais (que preservam e cuidam dos bens comuns naturais e espaços de vida) são alvos constantes de ações exploratórias do modelo econômico capitalista, que se ampara na exploração e uso insustentável, intensificando a crise socioambiental sobre seus territórios (Oliveira, 2013).

Populações tradicionais desenvolvem modos de vida particulares e apresentam características que as diferenciam de populações urbanas industrializadas (Diegues, 1996). O estilo de vida e cultura distintas são marcados por tradições ligadas a ciclos naturais constituídos de valores, símbolos, crenças e mitos (Monteles; Pinheiro, 2007).

O que classifica um grupo como tradicional, portanto, não é exclusivamente o local onde se encontra, mas seu modo de ser e as formas de estreitar as relações humanas e com a natureza, conectando fins de subsistência material, econômica e cultural (Moreira, 2007; Diegues, 2000). A cultura das populações tradicionais é definida pela forma de agir e de pensar, segundo o que lhes foi ensinado e lhes é de costume (nítida expressão de sua identidade).

Assim sendo, o objetivo desta pesquisa é compreender a organização e desenvoltura sociocultural e histórica da Comunidade Vila Aparecida em Cáceres, MT.

Metodologia: procedimentos metodológicos de coleta e análise dos dados

Este é um estudo etnográfico, descritivo e com abordagem qualitativa, realizado com moradores da Comunidade de Vila Aparecida no município de Cáceres, MT, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer nº: 2.607.797, CEP – UNEMAT).

O método etnográfico é apropriado para pesquisas voltadas à exploração de crenças, práticas e valores de contextos socioculturais. Partindo desse pressuposto, foi incorporado ao escopo da pesquisa a técnica de observação participante, que tem por finalidade inserir o pesquisador nas práticas cotidianas da cultura a ser estudada (Geertz, 1989). Esse formato de pesquisa caracteriza-se pela prioridade aos aspectos éticos, perfil das relações sociais, tradições e costumes, bem como o tom e a importância que lhe são atribuídas pelo grupo para a compreensão da totalidade de sua vida (Queiroz *et al.*, 2007).

De acordo com Ludke e André (1986), as abordagens qualitativas de observação são parte de um conjunto de dados dos quais o material extraído é trabalhado meticulosamente, dentro das etapas: observações, entrevistas, transcrições e/ou análises documentais, e demais informações.

Em junho de 2018, ocorreu o primeiro contato com a comunidade, na semana da Festa da Banana, realizada no Distrito. Antes de iniciar a seleção dos interlocutores, foram realizados questionamentos a moradores aleatórios e observações a fim de levantar informações essenciais. Traçou-se, então, o representante com o perfil do assunto abordado (informante-chave) e, por meio da técnica metodológica de *Snowball*, desenvolveram-se as indicações posteriores, dando lugar a uma cadeia de interlocutores a entrevistar (Penrod, *et al.* 2003; Goodman, 1961; Handcock; Gile, 2011).

Dos 18 interlocutores indicados, 16 aceitaram participar, houveram duas desistências. O contato com o morador selecionado era realizado com antecedência, para marcar o horário da entrevista a fim de não interferir em sua rotina diária. Na Figura 1, está apresentada a rede de indicações de cada informante, suas

(re)indicações, até o fechamento do ciclo. Os dados foram coletados entre os meses de julho e novembro de 2018. Para melhor compreensão, O boneco maior indica o participante-chave da pesquisa (Primeiro indicado); Bonecos com saias indicam os participantes do sexo feminino e aqueles apenas com pernas são do sexo masculino; O símbolo “X” com duas parições na imagem indicam que aquele participante não indicou um novo, interrompendo o ciclo de indicações naquele ponto; As setas coloridas representam a sequência/ordem de indicação, preta 1ª indicação, verde escuro 2ª indicação, azul escuro 3ª indicação, rosa 4ª indicação, laranja 5ª indicação, amarelo 6ª indicação, vermelho 7ª indicação, roxo 8ª indicação, verde claro 9ª indicação, azul claro, 10ª indicação, cinza 11ª indicação, marrom 12ª indicação.

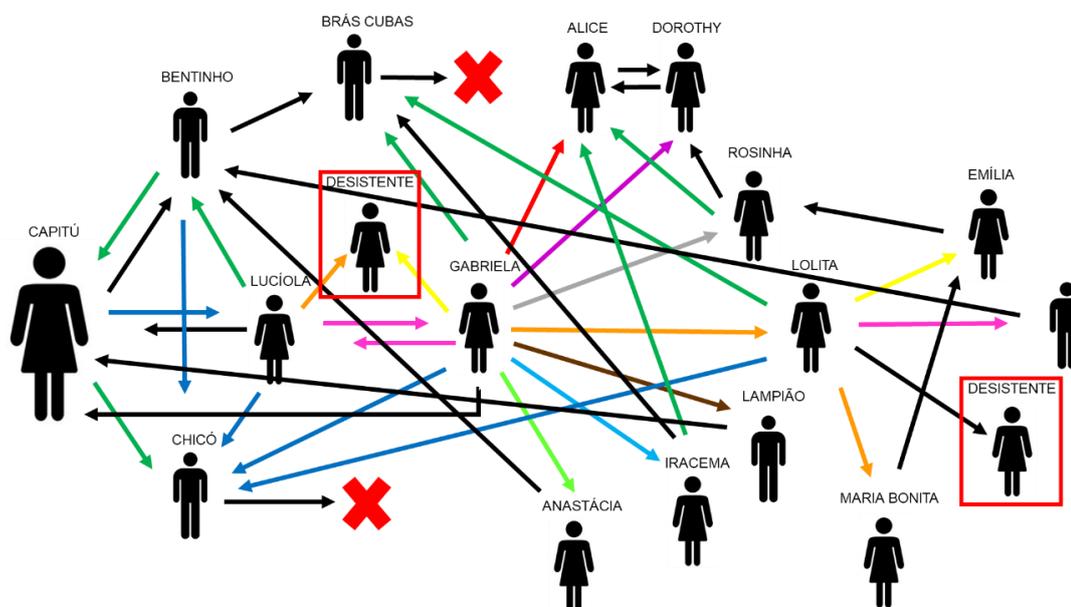


Figura 1 – Diagrama de indicações *Snowball*
Fonte: elaborado pelos autores

Para resguardar os direitos de privacidade e proteção da identidade (anonimato), confidencialidade das informações e evitar quaisquer formas de exposição ou constrangimento, os participantes foram identificados por pseudônimos literários^{1 2}.

¹ A este trabalho, são atribuídos nomes de personagens da literatura brasileira, no sentido de preservar o anonimato, bem como quaisquer ônus aos interlocutores desta pesquisa, quais sejam: Capitu (2018), Bentinho (2018), Lucíola (2018), Brás Cubas (2018), Chicó (2018), Gabriela (2018), Lolita (2018), Alice (2018), Dorothy (2018), Anastácia (2018), João Grilo (2018), Maria Bonita (2018), Iracema (2018), Lampião (2018), Emília (2018) e Rosinha (2018).

² Foram mantidas as marcas de oralidade quando da transcrição dos depoimentos dos entrevistados.

Os envolvidos foram entrevistados nas residências, com data e horário de sua preferência e somente após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento pelo qual permitiram a divulgação de imagens. A execução do trabalho de campo foi realizada pela observação participante e entrevista, à qual utilizamos um roteiro estruturado com perguntas abertas e fechadas distribuídas em três principais categorias: identificação do informante e do núcleo familiar; características do domicílio; perfil socioeconômico e uma entrevista não estruturada pela qual se obtiveram informações relevantes que não foram possíveis conseguir na primeira etapa.

O objetivo da segunda etapa de entrevista foi estabelecido conforme o conceito de Pasa (2004), acerca da importância em compreender os fenômenos locais por meio dos aspectos socioambientais e socioculturais presentes. No decorrer das entrevistas, foram utilizados: o gravador para o registro das falas e posterior transcrição, o diário de campo para o registro das informações pertinentes e fotografias.

Após a coleta, todas as narrativas foram transcritas de maneira fidedigna. Cada colaborador recebeu um nome fictício diferente conforme as normas para transcrição de entrevistas gravadas (Marcuschi; Preti, 1998). *A posteriori*, os dados foram organizados e trabalhados para construção da estatística descritiva.

Resultados e discussão: particularidades de Vila Aparecida

O lugar, anteriormente conhecido como Comunidade do Bezerro Branco, surgiu em meados da década de 1980 e passou por transformação socioespacial. De acordo com os entrevistados, havia apenas um conjunto de residências espalhadas, propriedade dos moradores antigos, ainda no fim do século XIX e início do século XX. As mudanças ocorreram após a criação do distrito:

Mas ah... menina aqui era tudo mato, mato, mato... aqui não tinha Vila não, tinha alguns moradores por aí, alguns por lá... aí meu marido e meu pai veio por aqui gostou d'uma terra aqui, compro... Eu vi essa Vila nascê, eu vi tudo que tem aqui ... (Capitu, 2018).

Em 1989, foi sancionada a Lei de criação do Distrito, e só então houve o mapeamento planejado de lotes com 675 m², que foram vendidos aos moradores da região e aos que migravam em busca do seu pedaço de chão.

No local, há um prédio escolar que compartilha o espaço entre a Escola Municipal Buriti e a Escola Estadual Mário Duílio Evaristo Henry. O atendimento ocorre nos períodos matutino, vespertino e noturno e serve também às comunidades vizinhas. Existe na escola uma horta que resultou de um projeto oriundo de um curso ofertado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) aos docentes, ao modo estudo-exercício-prática. Professores e alunos se envolvem nas tarefas. A merenda é enriquecida com esses legumes e hortaliças. Há parceria com uma empresa madeireira que fornece suporte. Gabriela explica que:

Na horta é incrível, as crianças gostam, eles se envolvem né? Esse projetinho começou assim... há uns quatro anos, começou com um canteirinho né? Aí é, ah, teve um curso do SENAI sobre horta né? Aí a diretora perguntou se eu queria participar, que ela achava interessante, ela valoriza muito isso. Foi aí que nós começamos. A turma do curso veio e o que a gente aprendia lá na teoria, a gente vinha e fazia na prática. E começamos... aí a escola inteira se envolveu, os alunos, professores. E esse ano também. E a Floresteca, a gente tem parceria. Que eles dão o suporte de mangueira, regador, sementes, adubo e agora a gente tá cultivando mais pimenta, jiló, berinjela (Gabriela, 2018).



Figura 2 – Horta escolar – Vila Aparecida, 2018.

Fonte: Acervo Escolar.

Em frente à escola, está localizada uma Unidade Básica de Saúde da Família (inativa) que, segundo moradores, funcionava com um médico e um enfermeiro que atendiam de 15 em 15 dias. A vila conta ainda com mercados, farmácia, oficinas, bares, uma máquina de arroz, um laticínio e um posto de combustível às margens da Rodovia MT-343.

O quantitativo das moradias foi verificado a partir dos dados da prefeitura municipal de Cáceres. Em 2018, a comunidade possuía 220 residências com média entre três a cinco moradores por domicílio e, apesar dos lotes terem sido planejados

uniformemente, alguns moradores possuem mais de um lote, para mais espaços ao cultivo, enquanto outros possuem apenas metade, pois venderam parte, ou permitiram a construção de moradias aos filhos e parentes.

As residências contam com fornecimento de água (poço artesiano comunitário) que descrevem como "boa" para o consumo, diferentemente da realidade que encontram durante as visitas na sede municipal.

Se eu tomar aquela água de lá, eu venho doente (Referindo-se à cidade de Cáceres) (Capitu, 2018).

É muito boa, muito boa. O prefeito tá doido prá botá a mão na água só pra pô cloro, ai meu Deus ((risos)). Nossa, mas a água é boa, sabe, quase mineral a água né? (Capitu, 2018).

Essa água nossa fizêro pesquisa nessa água num conseguio achar nada (Bentinho, 2018).

Para Capitu e Bentinho (2018), a vila é privilegiada com a água, mesmo assim a comunidade enfrenta escassez no período de estiagem, há racionamento e a população necessita de sensibilização para evitar o desabastecimento:

Esse ano a gente pranto pouco, mais pelo fato que a gente tá sendo avisado pra pra num gasta muita água né? E depois se ocê gasta, cê vai sofrer, porque... aí, nós já chegou tempo de carregar água na caminhonete pra encher as caixa, que se faltou. Então olha d'agora pá frente é perigoso num subi água na caixa. A gente, é, nós já tem a bombinha né? E o tambor, aí a gente enche de noite e joga água na caixa. Mas teve um tempo que nós ficou oito dia aqui sem água. Aí num vinha de jeito nenhum, que estragou lá o poço a bomba custou arrumar, aí nós buscava no sítio, na, cada um que tinha carro trazia pros outros né? Nos tambor. Aí depois até que o, o, o prefeito mandou o caminhão tamém né? Pra ajudar, mas aí depois a, resolveu o pobrema. Aí depois dessa época pra cá ela não faltou não ela diminui, muito: nessa época, mas faltar não. O tempo muito seco, quente, e, e, eu não tenho cobertura suficiente né? Porque quando até falei pro meu filho "Vamos comprar cobertura suficiente d'agora pá frente?" Porque aí quando vier a chuva a gente tem verdura, porque a cobertura ela... ampara aquelas chuva forte, né? Porque ajuda, né? Ela ajuda na, na economia da, da casa né? Na... ajuda muito nossa, planta em casa. E depois os de fora cê tem medo de comer porquê... eu tenho [...] (Capitu, 2018).

Além das dificuldades quanto ao fornecimento hídrico, os moradores sofriam periodicamente com o acesso viário, devido à precariedade da Rodovia MT-343, que dá acesso ao distrito. A MT-343, no trecho Cáceres – Distrito, contava com aproximadamente 8 km de asfalto na saída da cidade de Cáceres, sendo o restante do trajeto não pavimentado, dificultando a locomoção principalmente em períodos chuvosos quando se formam grandes atoleiros e apenas potentes veículos

conseguem transitar. Constituída de um considerável número de rodovias não pavimentadas, a malha viária brasileira é constantemente utilizada como centro de distribuição do meio rural principalmente de produtos agropecuários (Moreira, 2003).

A pavimentação de uma via, segundo o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), oferece tanto bônus quanto ônus. Analisando o lado positivo da pavimentação da via GO-239 que liga Alto Paraíso a São Jorge, Silva e Nunes (2005) afirmam em estudo que o impacto seria socioeconômico e cultural e traria melhorias para a comunidade, visto que facilitaria a circulação.

Essa realidade tão almejada pelos moradores, segundo eles, contribuiria para evitar a saída da população, uma vez que deixam de ser assistidos na comunidade quando há emergências médicas, ou enfrentam adversidades para buscar auxílio na cidade. Com a via pavimentada, outro benefício seria o transporte escolar que, em período chuvoso, padece, pois a escola atende comunidades vizinhas e o ônibus percorre dezenas de quilômetros até a unidade educativa.

Jacoby (1998) afirma que as estradas desempenham um papel central para as comunidades, e reitera que a pavimentação oferece benefícios à comercialização e à mobilidade. Capitu (2018) demonstra indignação diante das dificuldades trazidas pela precariedade viária, e que isto pode contribuir ao êxodo rural, afetando a interação campo-cidade das comunidades rurais e as famílias:

As comunidade tá acabano... sabia? Quanto, o... assim, os jovem ino pa cidade e os adulto ficano desanimado. Nossa, era tão bom a gente trabalhava por gosto assim, sabe? Eu para mim o que é mais gratificante é ocê trabalha em troca de nada. Por exemplo, eu trabalho mais eu não tô pensano qu'eu vou ganhar dinheiro, entendeu? É, é a minha, a minha doação do meu trabalho, isso pra mim é muito importante e gratificante, eu gosto demais, eu num tenho ambição. Cê pode ver, toda pessoa que se dispõe a ajudar, num falta nada, não falta (Capitu, 2018).

A característica de trabalho coletivo está enraizada nos costumes, que, apesar das mudanças, ainda é vivenciado, uma representação cultural cujo foco é a contribuição que cada um pode fornecer a partir de mutirões sempre que alguém da comunidade necessita de ajuda, seja financeira, seja de serviços. Os moradores unem forças e contribuem com o que podem.

Pasa (2004), em estudo realizado em uma comunidade ribeirinha de Conceição Açu, Cuiabá, MT, constata que a relação de solidariedade é traçada pela participação coletiva, solucionando problemas de mão-de-obra, suprimindo as limitações

individuais ou familiares, e que não se configura como um ato de piedade ou socorro, mas sim um gesto de amizade e cooperação de benefício coletivo.



Figura 3 – Praça da Comunidade de Vila Aparecida, 2018.

Fonte: Acervo Escolar.

Dentro da Comunidade, as vias não são pavimentadas, há uma avenida principal que corta o Distrito. Ao longo da avenida situam-se unidades comerciais e a praça (Figura 3) onde são realizadas atividades de lazer. No local, observa-se uma academia ao ar livre, um campo de areia e outro de grama para prática desportiva.

Além da autodenominação, outras características que classificam a comunidade como tradicional podem ser descritas e identificadas dentro da própria Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015 (Lei da Biodiversidade) que define no Art. 2º:

IV – Comunidade tradicional – grupo culturalmente diferenciado que se reconhece como tal, possui forma própria de organização social e ocupa e usa territórios e recursos naturais como condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição.

No caso estudado de Vila Aparecida, podemos elencar como características associadas às definidas em lei: (1) produção em unidades chamadas de quintais, com trocas de mudas e produção de adubo orgânico demonstrando interdependência ambiental; (2) Cerca de 84% dos entrevistados descreveram que adquiriram conhecimentos de seus ancestrais pela oralidade; (3) manejos que conectam as plantas a valores religiosos, espirituais e medicinais à ancestralidade; (4) língua falada e expressões peculiares; (5) economia de subsistência com comercialização esporádica; (6) fortes vínculos sociais e organização comunitária coletiva; (7) respeito

pelas tradições e demonstração através de rituais ou momentos de expressão; (8) e cultura de partilha.

Contudo, em decorrência de paradigmas, teorias, conceitos e do aparato científico, o termo *comunidade tradicional* tem sido discutido e questionamentos são levantados acerca de seu uso por parte de teóricos que lamentam seu desgaste, e conseqüente perda de sentido. Outros destacam sua resistência perante a sociedade capitalista e aos valores da modernidade. E há, ainda, aqueles que acreditam apenas que o conceito mudou de sentido (Costa, 2005).

Caracterização, origem e itinerário dos interlocutores

Os 16 participantes do estudo estão estabelecidos no Distrito, quatorze na margem direita da rodovia MT-343 sentido Cáceres – Barra do Bugres, e dois à esquerda. Além dos nativos de Mato Grosso (56%, sendo 44% de Cáceres), outros são oriundos de Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo.

Os migrantes inter-regionais vieram no avanço da fronteira agrícola entre as décadas de 1960 e 1980 e contribuem à diversidade da população, enriquecendo a formação étnico-cultural motivados pela disponibilidade de terras (Pagel, 2012).

A diversidade sociocultural brasileira é extraordinária, possuindo variedade de populações tradicionais. Essas múltiplas comunidades apresentam formas próprias e distintas de se inter-relacionar com seus ambientes biogeográficos. Na diversidade, cada uma traz consigo características e peculiaridades (Little, 2018).

A partir de 1970, o Brasil passou por uma dinâmica intensa na ocupação de áreas do Centro-Oeste e Amazônia, abrindo-se ao processo de (re)ocupação, dentro da política de integração nacional. As terras situadas em Mato Grosso foram consideradas ociosas, necessitando de abertura para aqueles que almejavam conquistar terra à agricultura (Silva; Sato, 2012) Tal processo afetou a vida das comunidades tradicionais pré-existentes e dos biomas (fauna, flora, solo e recursos hídricos).

Caracterizada por ser uma região de fartura para o sustento das famílias, na época de sua formação, muitos se mantiveram na região, enquanto outros vieram em busca da terra e trabalho.

Eu casei em Minas, tive a primeira filha em Minas, depois mudei para Mato Grosso do Sul, lá eu tive mais cinco filhos, aí depois dos meus filhos já todos né nascidos é qu'eu vim para cá... Eu vim para cá minha filha caçula tava com um aninho..., mas já faz qué vê... trinta e poucos anos qu'eu moro aqui, ou quarenta e poucos anos. A gente vei - - nós viemos pá Cáceres né - - até que achava lugar pá compra, algum... aí depois nós compramos uma terra para cá (Capitu, 2018).

É terra memo pá qualquer coisa. Então o que prantava saía, né? Dava bom. E... lá era o seguinte, naquele tempo... a d gente fazia roça, roçava com foice, derrubava né? Com machado. É, é... a roça de toco que falavam né? Então, fazia aquele prantação mais era maravilhoso. Dava aquele mantimento prantava pôco e colhia bastante. Então todo mundo que morava ai nessa Bocaina pra lá eles tinha. Tinha fatura tudo, purquê a terra adjudava muito né? Na produção (Brás Cubas, 2018).

Na maioria dos casos, esses moradores optaram pela vida na comunidade mantendo intimidade com o componente vegetal, uma vez que assim viveram grande parte de suas vidas, estreitando os laços com os elementos naturais. O grupo, que se autodeclara tradicional, pelo seu modo peculiar de lidar com a terra e o componente vegetal, conecta fins de subsistência, materiais, econômicos, culturais e religiosos (Moreira, 2007; Diegues, 2000).

Em relação à procedência dos moradores, dez residiam no estado antes de se estabelecer na comunidade, construindo seu itinerário exclusivamente em solo mato-grossense. Ao mesmo tempo, cinco detêm influências culturais de dois estados diferentes e um em três estados. Em seus costumes, atribuem um valor imensurável ao aprendizado na infância:

Se todos fosse igual meu pai, num tinha muita fome não. Meu pai trabalhador rural nós tudo trabalhava ajudava ele na roça as meninas, primeiro veio as meninas, as mulheres né, depois que vei os homens e a gente ajudava. Olha, meu pai trabalhava numa fazenda de ameio com um fazendeiro, tudo que prantava, tudo que colhia, era partido. Leite, queijo, tudo e meu pai muito trabalhador. Gente o que tinha de gente que precisava na casa do meu pai todo dia e ele se ele matasse um porco ele já dividia, esse aqui é pra fulano, esse aqui é pra fulano, esse aqui é pra cicrano, cicrano e nós ficava carregando os saquim. Dia de domingo tinha a Vila Vicentina que era só pobrezinho doente ele "Meninas não tem outro jeito" nós num tinha um cavalo, cavalo tinha mas não tinha uma carroça pra levar esse leite. Aí juntava as crianças da nossa, nossos parentes né, Cada um pegava uma vasilha de leite e ia levar todo domingo, todo domingo, que ele mandava. Outra hora ele ajudava... mas assim meu pai foi um homem que me ensinou muito, o que era dele era dos otros, ele num tinha aquele negócio de "A isso aqui é meu, eu tenho medo de", ele falava assim para nós "Meus filhos cada dia... Deus tem um proje", um plano pra cada dia, cê num precisa preocupar que amanhã ocê não tem o que

comer não que Deus providencia”. Então meu pai era desse jeito sabe? E eu fui veno aquilo no meu pai eu achava muito bonito desde criança né? Eu achava aquilo muito bonito para mim, aquilo era uma coisa muito, muito, muito boa e eu ficava pensando meu Deus quando eu crescer... quando eu crescer eu quero ser igual ao meu pai (risos). Talvez não seja igual mais... mais um pouco né? (Capitu, 2018).

Vários são os fatores que determinam as práticas de uso e cultivo dos vegetais, sejam eles, idade, gênero, escolaridade ou renda; o seu local de origem sempre irá exercer grande influência. Apesar da minoria dos interlocutores não ser natural do estado, é possível observar que, ao representarem quintais de sua região de origem, acabam influenciando e são influenciados pelos nativos da região, que adotam práticas desse contexto, havendo uma fusão de conhecimentos.

No que diz respeito a essa replicação de quintais de outras regiões, Carniello *et al.* (2010), afirmam que essas manifestações revelam o sentimento de afeto e a percepção deles com o lócus de procedência. Além disso, para Spanholi e Barreto (2018), os migrantes carregam conhecimentos herdados da origem.

Perfil socioeconômico da população

Dos 16 entrevistados, onze (69%) são do sexo feminino e cinco (31%) do masculino. Em relação ao estado civil, 75% são casados e 25% viúvos, com média de idade de 66 anos e faixa etária entre 47 e 88 anos. O elevado registro da participação do sexo feminino em estudos desse caráter é geralmente associado ao fato das mulheres disporem de maior conhecimento terapêutico das plantas na comunidade (Gomes *et al.*, 2017), em razão da hierarquia social na qual a mulher é vista como a dona de casa, ou pelo fato do horário das entrevistas ser incompatível com a presença masculina (Abramo, 2007). A mulher é aquela que deve ser supostamente a mediadora do lar, possuindo o saber da flora, visando à manutenção do bem-estar da família (Oliveira, 2013).

Oliveira e Menini Neto (2012) sugerem que essa realidade é explicada de modo simplificado por uma questão cultural, à qual as mulheres passam mais tempo em casa, realizando as tarefas domésticas. Essa situação foi constatada no estudo, entretanto, vale ressaltar que, quando trabalhamos de forma isolada os cinco interlocutores do sexo masculino, mesmo sendo eles os indicados a participar, três preferiram aguardar suas esposas, destacando a importância feminina.

Considerando a idade, foi verificado que os mais velhos foram mais indicados como detentores do conhecimento, fato que pode estar interligado às experiências vividas.

Em relação à escolaridade, dois possuem ensino superior, seis deles possuem ensino médio e quatro realizaram alfabetização na escola da comunidade por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Quatro não foram escolarizados, e ficaram evidentes os impasses que enfrentaram para tentarem estudar. Viam-se diante de dilemas entre sua vontade, a necessidade e as dificuldades da época:

Eu extudei unx seis meix só. Só. Purquê naquele tempo eu, ãh, no meu tempo era difirci pr'uma criança extudá. O pai cum mãe num tinha as condição de... só tinha aula no Cáceres, nóx morava aqui nesse Bocainõm. Aí entõm... ficava londge de Cáceres e num tinha como ele ((referindo-se ao pai))... ele pô as criança pra extudá. E nóx já era uns quatro, cinco assim pá extudá. Num tinha casa, aí ele num tinha as condição purquê ele era um pobre, né? Vamo fala a verdade. Num tinha as condição, né? (Brás Cubas, 2018).

É assim, eu, eu mesmo num, num teve e... extudo. Que naquele tempo que... que os pai, quase eles num fazia caso, né? E era difirci dimais da conta, aonde eu comecei a extuda era muito londge de casa, então, era o sofrimento, né? E aquel' as criançada tudo de a pé, até quando eu comecei a extuda eu tava com sete ano cobra me mordeu no extrada. Extrada da escola... aí eu já fiquei tempo sem ir na escola. Eu num extudei nada bem dizê, fala a verdade eu extudei só o... segundo ano memo, né? (Bentinho, 2018).

Resultados semelhantes, quanto ao baixo nível de escolaridade, igualmente foram encontrados nos estudos de Carniello *et al.* (2010), Gomes *et al.* (2017) e Silva *et al.* (2018). A realidade constatada é similar à encontrada por Oliveira e Menini Neto (2012), que ligaram a baixa escolaridade ao trabalho braçal, que inviabiliza os estudos e pela dificuldade de acesso à escola, hipótese ratificada pela narrativa de Anastácia, “[...] *Naquele tempo nom extudava... aprendê trabaia ganhava maix... naquele tempo né?*” (Anastácia, 2018).

Buscando mudar a realidade, muitos optaram por enviar seus filhos à cidade de Cáceres para continuar os estudos, visto que a comunidade possui apenas uma unidade escolar com ensino fundamental e médio. Existem os cursos superiores a distância, que pouco atraem os jovens, o que pode contribuir para o êxodo e ‘abandono’ dos estudos. Ao ser questionada sobre o motivo que leva os jovens a construírem suas vidas no ambiente urbano, Lolita afirma:

A juventude assim, sai pra estudá e geralmente num volta mais, né? Agora parece que tá voltando né? Se a gente olha um contexto assim bem amplo, tem muitos que tá ficando, tá estudando e voltando né? Mas aqui, se a gente pegar esse lado aqui, ali na Lucíola só tem duas pessoas, aqui só tem duas pessoas, lá no irmão do meu pai só tem duas pessoas, pra cá o vizinho são só duas pessoas. Então a moçada sai tudo, né? Eu acho que eles vão estudar, arrumá um emprego, né? E aí vai morar na cidade, por exemplo, e lá o espaço é pequenininho, já não tem mais como plantar né? Já não tem tempo de cuidar. Na farmácia é muito mais fácil cê comprar um analgésico, né? Eu acho que com isso vai se perdendo né? (Lolita, 2018).

Quanto ao número de filhos por família, metade deles têm de quatro a seis filhos, outros cinco possuem de um a três filhos e um disse possuir de sete a 14 filhos. Desses, doze (75%) alegaram que os filhos não residem mais na comunidade, pois saíram em busca de estudo e trabalho, o que manifesta uma problemática na reprodução sociocultural. Assim, há complicadores: o envelhecimento e ao mesmo tempo um grau de depopulação juvenil.

Na amostragem, quanto à profissão exercida, oito afirmaram ser lavrador(a), três do lar, três professor(a), um pescador(a) e um agente de saúde comunitária. Metade dos entrevistados estão aposentados(as). Quanto à renda familiar, dez recebem entre dois e quatro salários-mínimos, e o restante entre meio e um salário. Como rendimentos relatam: aposentadoria, pensão, comércio, pecuária, agricultura, extrativismo, servidor(a) público e autônomo(a).

Deste modo, o que se observa é que ainda há enormes carências das políticas públicas no Brasil para o atendimento no que se refere à educação pública (formação técnica e científica) e a questão da renda, e há necessidade de fortalecer as alternativas socioprodutivas quanto ao incremento dos ganhos para que permaneçam no campo. Dentre os interlocutores, quatorze (88%) possuem casas de alvenaria e 12% de madeira. A maioria das casas possui piso de cerâmica, outros um misto de cerâmica e cimento e outras possuem piso de cimento bruto ou cimento queimado. O número de cômodos das moradias varia entre quatro e 12. Todas as residências possuem banheiros dentro de casa com fossa rudimentar.

As residências têm água encanada com origem do poço artesiano, cujos moradores alegam ser privilegiados com sua pureza, mas – mesmo sendo considerada pura – a maioria dos entrevistados afirmaram filtrá-la para consumo. Para o cozimento dos alimentos, 25% utilizam apenas o fogão a gás, enquanto os demais

intercalam o gás e a lenha, para manter a economia de gastos e por considerarem a comida elaborada na lenha mais saborosa.

Todas as residências possuem energia elétrica e dispõem de coleta de lixo semanal, feita por um caminhão que se desloca da sede até a comunidade. No entanto, um morador afirmou a preferência por enterrar o resíduo na propriedade, destacando que, para a quantidade produzida, seria necessário mais de uma coleta semanal, visando ao não acúmulo e o acesso de animais domésticos e silvestres que reviram o lixo durante a espera. Uma entrevistada alegou que faz a queima de parte dos resíduos. Nota-se, no que se refere às moradias e serviços, uma simples e modesta infraestrutura das habitações e condições que poderiam ser melhoradas através de políticas habitacionais, de serviços públicos de água e saneamento e pavimentação das vias internas à comunidade.

Religiosidade da população e manifestações culturais

Em relação à religiosidade, a comunidade possui uma igreja católica e outras três evangélicas (Presbiteriana, Adventista e Assembleia de Deus). O catolicismo predomina com 88% (14) e 12% (2) se autodeclararam evangélicos. Celebrações religiosas (missas e cultos) são realizadas.

Na igreja católica há cerimônias em homenagem aos santos dos quais são devotos, porém um dos eventos mais aguardados é a comemoração festiva religiosa de 12 de outubro, na qual realizam uma festa para as crianças e também, comemoram o dia de Nossa Senhora de Aparecida, revelando sua fé e devoção (Figura 4). A festividade tem duração de um dia com: gincanas, brincadeiras, almoço comunitário, peregrinação e missa ao fim do dia quando se reúnem muitos fiéis. É um conjunto de momentos significativos que envolvem, desde a organização até a realização, mesclando elementos populares e religiosos. O evento é considerado como culminante, mas sua arrumação compreende todo o ano.

A comida (carnes para o churrasco, bebidas, pães, verduras e doces) utilizada no festejo é proveniente de doações locais, bem como de comunidades vizinhas, o que manifesta coesão e solidariedade, assim como uma percepção comunitária tradicional, pois envolve a movimentação e a organização para a continuidade no ano vindouro, o que requer profundos laços sociais e engajamento:

Cê nunca... (risos). Olha, tem gente que se impressiona quando vem na festa. Cê nunca veio na festa de 12 de outubro aqui? Olha essa festa tá crescendo imensamente sabe, tudo doado, nada vendido. É uma partilha, sabe. Aí tem picolé, tem bolo, tem pas criança né? Tem refrigerante a vontade, tem comida à vontade, o ano passado matou seis vacas, e gente, gente que cê fica boba de vê. Nossa Senhora Aparecida é Dia das Crianças... Presente pas criança né? Tudo doação. Por exemplo, hoje a... terminou a festa, ta terminano a festa, aí alguém já ta lá falano “E a festa do ano que vem, quem vai doa?” Quando termina o dia, a festa do ano que vem ta prontinha, ta montada. É só chegá a época falar “Olha, pode trazer suas oferta, ta na hora de recolher né? É muito bonito, eu acho (Capitu, 2018).
Outra festa boa que ocê vim cê vai gostar é dia 12 de outubro... a festa é de dia [...] mostra foto pr’ocê vê. Se saí como ano passado não saiu como... como é o costume né? [...] aqui tem um home que esse filho dele ele tem uma mula [...] e, ele que pega a santa, chega com a santa montado na mulinha né? Quando chega perto do padre a mula ajoelha... ajoelha pá podê entregá. É muito lindo, é muito lindo. Isso qu’eu falo, é não sei se oceis são crente (risos). Então... por aí cê vê, isso qu’eu tava pensano um dia lá no dia qu’eu vi essa mula joeiá né? É pra entrega a santa. Purquê que um animal daquele sabe? O que que significa, né? E o ser humano num sabe! (Bentinho, 2018).



Figura 4 – Peregrinação dia 12 de outubro em homenagem à Nossa Senhora. Aparecida: (A) cavalgada rumo à Comunidade; (B) entrada ao Distrito; (C) passagem pela praça; (D) chegada ao pátio da Igreja Católica.

Fonte: Acervo da informante Gabriela, extraído de diversas edições festivas, Vila Aparecida, 2018.

Observa-se o vigor da religiosidade enquanto elo social e patrimônio cultural imaterial no Brasil rural, que além de possuir um extenso território e mega biodiversidade, é conhecido pela riqueza da diversidade cultural e da fé, com ricos costumes que se miscigenaram em meio a tantas cores, etnias e sabores.

Destarte, não poderia ser diferente, também, no interior de Mato Grosso, na comunidade Vila Aparecida, que comemora anualmente a Festa da Banana, repleta de cultura, culinária e histórias vividas e contadas pelos moradores que acolhem os visitantes de forma calorosa. A Festa da Banana reúne a população local, dos entornos rurais e da cidade de Cáceres. Não se trata de uma comemoração solta,

mas de uma solenidade que demarca a identidade local e à medida que ganhou importância, passou a fazer parte do calendário oficial do município de Cáceres através da Lei 2158/2016.

Diversos entrevistados afirmaram que a escolha temática da festa foi baseada no contexto histórico da década de 1970. A região era considerada o celeiro da produção de banana (*musa spp.*). Na época, saíam cargas da região denominada Monjolinho, Salobra e Morraria, e destinava-se a abastecer cidades como Cáceres, MT, e, via rio Paraguai, Corumbá, MS, e São Paulo, SP.

No entanto, em décadas posteriores, esse cenário sofreu drástica mudança, na qual os cultivos, conforme Souza e Feguri (2004) foram afetados pela Sigatoka-Negra (*Mycosphaerella fijiensis*) e o governo, como solução, propôs a interrupção da produção e o extermínio dos bananais, cessando a fase produtiva.

Em tempos recentes, devido às modificações nas formas de produção e relações sociais no campo, com o impulso de programas governamentais do governo federal, foi pensando em retomar atividades alternativas para complementação da renda da comunidade e famílias do campo, a fim de movimentar a economia do local, bem como do prestígio do produto comercializado, que pudesse contribuir na promoção da comunidade ao público externo. Assim, a realização de eventos comunitários festivos seria uma nova atividade no local, funcionando como uma vertente potencial, retomando a produção e o comércio.

Para eles, o local foi celeiro de produção, havendo a necessidade de resgatar esse patrimônio. A Festa da Banana teve seu início no ano de 2010, como resultado de debates que aconteceram entre os professores participantes do projeto ProJovem Campo e do ProEJA Fic. Ambos, projetos do Programa Educação no Campo do Ministério da Educação, juntamente com membros do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. A festa foi idealizada seguindo premissas relativas às práticas vivenciadas em palestras e seminários dos projetos citados, o que possibilitou uma maior interação e troca de saberes entre os moradores e visibilidade à comunidade.

No início, a discussão girou em torno de qual material produzido localmente seria eleito como tema festivo, a fim de unir a comunidade, ocasião em que um dos moradores (participante dos debates) cogitou a banana, visto que era produzida, comercializada e utilizada entre os moradores. Com o fortalecimento da ideia, os objetivos traçados para a festa foram resgatar e valorizar a produção local de banana, fortalecer a economia familiar, bem como dar maior visibilidade e representatividade

à mulher, que seria beneficiária direta, uma vez que, com a festa, a produção não seria exclusivamente das bananas *in natura*, mas também na manufatura de produtos derivados, envolvendo um arranjo produtivo, do qual as mulheres poderiam participar ativamente (Pagel, 2012).

Dessa maneira, instituiu-se então, a Festa da Banana, reunindo a comercialização da fruta e a festividade, mas também elementos simbólicos emotivos, engajamento, compra, venda, troca de saberes e o prestígio na comemoração pelo reavivamento e resgate cultural. Após o lançamento da ideia de 'Festa da Banana', os participantes dos dois projetos entraram em contato com os produtores para fazer uma exposição das espécies de bananas da região, buscando alavancar a ideia, visto que a produção de banana tinha que aumentar conforme demanda e precisava ser valorizada, sendo o agricultor fundamental no processo.

Em relação à organização da Festa, foi e é pensada e executada de modo estratégico, a atender as necessidades dos moradores organizadores, que participaram de todas as etapas: planejamento, organização e execução. Geralmente acontece no mês de maio, mas pode variar conforme o calendário das festividades municipais.

Para GeorGIN e Scherer (2015), dentro de uma determinada festa popular de cultura e comercialização de um produto, para o evento ganhar visibilidade, precisava chamar a atenção não apenas da comunidade, mas também de autoridades e visitantes, aspirando ao enriquecimento de políticas públicas de incentivo e promoção das suas formas econômicas e culturais. De fato, ao participar da Festa, podemos presenciar um evento único, onde é perceptível a mobilização da população local para organizá-la de forma interativa, participativa e acolhedora, realizando ainda parcerias externas.

Sousa *et al.* (2016), em estudo realizado na cidade de Abaetetuba, Pará, registrou os objetivos do festival anual 'Miriti Fest', que se assemelham aos da Festa da Banana cujo foco também é "divulgar a cultura do miriti" (neste caso, a banana), movimentar a economia em torno do trabalho dos artesãos e, principalmente, dar visibilidade aos moradores locais que, todos os dias reinventam o miriti (banana) em uma espécie de criatividade infinita.

O local de realização da festa inicialmente foi cedido pela Associação dos Moradores, que disponibilizaram um barracão, dividido e organizado para que cada morador participante pudesse vender o produto fruto de seu trabalho. Além disso, a

Associação também possuía seu próprio espaço para a venda de bebidas, revertendo a renda em prol de benefícios comunitários.

A estrutura de distribuição espacial para o evento requer a contribuição da comunidade. Caponero e Leite (2010) discorrem a respeito da participação dos membros da comunidade e afirmam que as festas populares consistem em uma determinada estrutura social de produção que envolve diretamente a organização comunitária, fruto de contribuição voluntária.

Atualmente, a Festa da Banana é uma festa popular que teve sua 9ª edição em 2018, contando anualmente com a participação local e de visitantes de outras comunidades rurais do entorno e da cidade de Cáceres, sendo realizada na praça central, visando movimentar o núcleo com simbolismo, valores e sentimentos, que conta com mais de 1200 participantes anuais.

Os preparativos finais são providenciados na semana anterior de sua realização, montadas tendas maiores, que são divididas para abrigar barracas menores, destinadas à venda dos alimentos (comidas, bebidas e sobremesas), que ganham um toque especial, do ingrediente principal, a banana. O festejo, por ser manifestação cultural popular, possui decoração voltada para banana enquanto símbolo temático. Nesse sentido, aparece em diversos locais espalhados pela festa, desde a entrada, barracas e até mesmo nas lixeiras (Figura 5).



Figura 5 – (A) Lixeira; (B) Barraca; (C) Hall de entrada; (D) Vila Aparecida, 2018.

Fonte: Acervo da informante Gabriela, extraído de diversas edições festivas, Vila Aparecida, 2018.

O fator cultural é a experiência histórica do povo marcada por tradições que evidenciam a identidade. Desse modo, a festividade tem a coroação da Rainha da Festa, bem como atrações culturais de moradores locais, grupos regionais e show nacional (Figura 6). O evento ganhou proporções idealizadas pelos moradores, sendo conhecida regionalmente, envolvendo pessoas de espaços urbanos e rurais.



Figura 6 – (A) Rainha da 9ª Festa; (B) Grupo Chalana de Cáceres, MT, em apresentação.

Fonte: Acervo da informante Gabriela, extraído de diversas edições festivas, Vila Aparecida, 2018.

Há a geração de um vínculo entre os membros da comunidade com os visitantes que se fazem presentes, pois, dentro da comercialização e da festividade,

sentem necessidade de tornar o produto mais visível na região, mas também valorizar seu espaço de vivência e relações sociais.

No que diz respeito ao processamento, alguns moradores não possuem o ingrediente principal (banana) em seus lotes e adquirem de vizinhos ou produtores. Além disso, a fim de aproveitar o material, houve compartilhamento de conhecimentos entre os moradores. Também houve capacitação para que aprendessem a trabalhar com a fibra de bananeira destinada à confecção de artesanatos e decorações para os demais produtos, visando a uma agregação de valor estético e econômico (Figura 7).



Figura 7 – (A) Fibra de bananeira; (B) Decoração de fibra de bananeira em um doce cristalizado de banana.

Fonte: Acervo da informante Gabriela, extraído de diversas edições festivas, Vila Aparecida, 2018.

A participação dos moradores é marcante e pode ser presenciada desde o início dos preparativos nas residências, até a execução no evento. A cultura culinária é constituída por uma variedade de produtos e seus preparativos envolvem diretamente o ingrediente principal, a banana (Figura 8). Todos são comercializados, entretanto, há produtos que não são exclusivamente de banana, permitindo que o morador que possua outros produtos, fruto de seu trabalho, também os coloque em exposição para venda, como é o caso de outros artesanatos.

Entre os produtos comercializados na festa, pôde-se observar doces cristalizados decorados e/ou embalados com a fibra de bananeira e potes plásticos, doces não cristalizados, biscoitos, farinhas, licores, balas, brigadeiros, bolos, tortas, pães, manjares, pudins, bananas verdes fritas, entre outros, evidenciando uma produção diversificada a partir da fruta. O ambiente é um espaço de contínuas trocas simbólicas de cores e sabores, articulando a história espacial e tradição local, marcando o contexto social (Ferreira, 2013).

É justamente por meio dessas festividades, que as representações identitárias são celebradas, uma vez que é o momento de maior sociabilidade dos participantes que refletem pensamentos e sentimentos pelos quais as particularidades/singularidades implica redefinição espacial e temporária das formas de festejar (Bezerra, 2008).



Figura 8 – (A) Pudim de banana; (B) Preparação de balas cristalizadas de banana.

Fonte: Acervo da informante Gabriela, extraído de diversas edições festivas, Vila Aparecida, 2018.

Para uma moradora, o festejo anual alcançou os objetivos, entretanto necessita sempre de fortalecimento e de uma participação ativa da comunidade para que tenha prosseguimento. Caponero e Leite (2010) afirmam que independentemente das origens, as diferentes formas festivas são verdadeiras encenações tendo como cenário as ruas e praças públicas das cidades. Ainda podem ser realizadas também nos povoados, nas comunidades rurais e aldeias. Cada uma possuem características únicas, por reviverem relações socioculturais próprias. Acrescentam que as festas podem ser associadas à religiosidade, folclore, datas locais, culinária ou étnicas.

Neste sentido, a festa de 12 de outubro de Nossa Senhora Aparecida é um momento sociocultural especial pela espiritualidade, tendo por base a tradição religiosa cristã da devoção, constitui um espaço-momento fraterno da partilha da fé, da comida (o acesso aos alimentos é livre a todos sem movimentação financeira) e convívio comum sob a proteção de uma divindade ou santidade, o que revela a mística como força na comunidade. Envolve ainda um especial zelo para com as crianças, pois no país esse é o dia comemorado, assim como há o acolhimento cordial dos membros de outras comunidades rurais do entorno e mesmo da cidade de Cáceres que participam como contribuintes ou visitantes.

Em outro sentido, mas que também fortalece os laços comunitários, está a festa da banana que possui foco nos elementos produtivos locais da agricultura familiar camponesa, manifestando o vigor da ligação comunitária a partir de um elemento produtivo local com conotação histórica à população de tempos anteriores, constituindo um atrativo à visita da comunidade pelos moradores da cidade e comunidades do entorno pela questão culinária, shows e apresentações culturais como música e dança.

Destarte, mesmo sendo de inspirações distintas, uma baseada na fé, partilha e solidariedade e procede de tempos antigos da tradição regional, outra no trabalho-produção-manufatura e comercialização parte de uma espécie de resgate histórico por meio de um produto natural, e que proporcionou sustentação econômica aos habitantes do lugar em tempo passado. Ambas são momentos relevantes, embora distintos, para a existência comunitária, pois envolvem a mobilização percebida na força de organização, preparação e realização, trazendo coesão à coletividade e uma identidade própria, junto a outros elementos já demonstrados da vida tradicional da localidade.

Considerações finais

Na comunidade estudada se entrecruzam as existências de antigos moradores nativos, o movimento de humanos que migraram, fauna e flora locais e trazidas de outros lugares, políticas nacionais do processo de integração da região Centro-Oeste e Amazônia, os desejos e motivações pessoais por espaço de vida, além dos elementos socioculturais locais que manifestam uma riqueza de encontros e da presença. A investigação nos mostrou que a criação da comunidade encontra

resposta na busca de um lugar para viver e trabalhar, um espaço do habitar, de realizar o modo de vida, o que demonstra a importância do acesso à terra e da distributividade socioespacial do território à população brasileira.

Vila Aparecida é composta por uma população constituída por nativos em maioria e que acolheu os oriundos de outros estados, que por sua vez, fizeram a troca de conhecimentos e saberes. Suas manifestações culturais abrangem memórias sociais, processos históricos e elementos do presente e deixam claras as influências sofridas e como reconstroem a cultura.

Apesar de enfrentar dificuldades de reprodução sociocultural e a influência do mundo urbano-industrial e das políticas econômicas como outras no Brasil, a comunidade resiste, atende e exerce influência cultural a outras comunidades estabelecidas no entorno. Busca o desenvolvimento local a seu modo, como também não perder seu enraizamento cultural.

Vila Aparecida, assim como outras comunidades rurais brasileiras, de modo amplo, já sofre com a interferência de fatores externos da macropolítica da produção globalizada, da economia nacional e regional. A comunidade observa ainda o intenso crescimento regional do agronegócio expansionista e em disputa por apropriação territorial. A agricultura comercial que, se ainda não a atingiu e está distante das áreas rurais da comunidade, poderá se aproximar futuramente. Tal situação constitui uma possibilidade de estudos posteriores para análise da resistência ou não da comunidade.

A coletividade, no entanto, mantém suas práticas sociais, hábitos, costumes e tradições, estreitando os laços com o geoambiente, solo, água, clima, seja em relação aos componentes vegetais e animais, reinventando tradições, e resgatando-as ou ressignificando-as, quer na cotidianidade das falas, das trocas, da economia de subsistência, no manejo de plantas medicinais, de suas relações sociais cotidianas, ou em momentos de culminância festiva demonstrados, em que expressam intensa confluência identitária e coesão social.

Considera-se uma comunidade com alta riqueza sociocultural expressa nas práticas relacionais (sociais e ambientais) costumeiras, e das tradições festivas populares que dão vitalidade ao patrimônio material e imaterial presentes no espaço estudado e no corpo social do Brasil.

Referências

ABRAMO, L. W. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?** 327f. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP. 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-23102007-141151/pt-br.php>. Acesso em: 10 set. 2023.

AMARAL, C. N.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Ciências Humanas**, Belém. v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/qvwPbJv9kfxjXBSzCD6Qkj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2023.

BEZERRA, A. C. A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e cultura**, UERJ, RJ, n. 23, p. 7-18, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3518/2445>. Acesso em: 01 set. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.123 de 20 de maio de 2015**. Dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade. Brasília, DF, 20 de maio de 2015. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/perguntas-frequentes.html?catid=34>. Acesso em: 01 set. 2023.

CAPONERO, M. C.; LEITE, E. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. **Patrimônio Lazer & Turismo**, v.7, n. 10, p. 99-113, 2010. Disponível em: [https://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Ensaio1_v7_n10_abr_mai_jun2010_Patrimonio_UniSantos_\(PLT_21\).pdf](https://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Ensaio1_v7_n10_abr_mai_jun2010_Patrimonio_UniSantos_(PLT_21).pdf). Acesso em: 07 set. 2023.

CARNIELLO, M. A. **Estudo etnobotânico nas comunidades de Porto Limão, Porto Alambrado e Campo Alegre, na fronteira Brasil-Bolívia, Mato Grosso, Brasil**. 198f. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas – Biologia Vegetal) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas. Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista (Unesp). Rio Claro, SP, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/4ca15d98-4e96-42a5-955b-7b8e5ea4743b>. Acesso em: 07 set. 2023.

CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. dos S.; CRUZ, M. A. B. da; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste, MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica**. v. 40, n. 3, p. 451-470, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0044-59672010000300005>. Acesso em: 07 set. 2023.

COSTA, R. On a new community concept: social networks, personal communities, collective intelligence. **Interface. Comunic., Saúde, Educ.** v. 9, n. 17, p. 235-48, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832005000200003>. Acesso em: 07 set. 2023.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

DIEGUES, A. C. **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. São Paulo: Hucitec/NUPAUB-USP, 2000.

FERREIRA, M. N. Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares. **Comunicação e Política**. Goiânia, Goiás, v. 9, n. 1, p. 111–117, 2013. DOI: 10.5216/c&i.v9i1.22807. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22807>. Acesso em: 29 set. 2023.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEORGIN, J.; SCHERER, C. B. Festas rurais: mídia, dimensão festiva e impacto social em duas pequenas comunidades do Rio Grande do Sul. **Revista Monografias Ambientais**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 115–122, 2015. DOI: 10.5902/2236130816935. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/16935>. Acesso em: 29 set. 2023.

GOODMAN, L. Snowball Sampling. **Annals of Mathematical Statistics**. v. 32, n. 1, p. 148-170, 1961. Disponível em: <https://projecteuclid.org/journals/annals-of-mathematical-statistics/volume-32/issue-1/Snowball-Sampling/10.1214/aoms/1177705148.full>. Acesso em: 29 set. 2023.

GOMES, T. M. F.; LOPES, J. B.; BARROS, R. F. M. de; ALENCAR, N. L. Plantas de uso terapêutico na comunidade rural Bezerro Morto, São João da Canabrava, Piauí, Brasil. **Gaia Scientia**, [S. l.], v. 11, n. 1, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1981-1268.2017v11n1.33683. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/33683>. Acesso em: 29 set. 2023.

GUARIM NETO, G. O saber tradicional pantaneiro: as plantas medicinais e a educação ambiental. **REMEA – Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 17, 2012. DOI: 10.14295/remea.v17i0.3025. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3025>. Acesso em: 29 set. 2023.

HANDCOCK, M. S.; GILE, K. J. On the Concept of Snowball Sampling. **Sociological Methodology**. v. 41, n. 1, p. 367-371, 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1467-9531.2011.01243.x>. Acesso em: 29 set. 2023.

JACOBY, H. G. **Access to Markets and the Benefits of Rural Roads: A Nonparametric Approach**. The World Bank. Washington DC. 30p. 1998. Disponível em: <https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/622271468761382023/access-to-markets-and-the-benefits-of-rural-roads>. Acesso em: 29 set. 2023.

LEÃO, D. S. CASTRILON, S. K. I.; BAMPÍ, A. C.; QUEIROZ, H. M. de; PUHL, J. I. Problemas socioambientais no pantanal mato-grossense, assentamento laranjeiras I, Cáceres, MT. **Ciência Geográfica – Bauru**. v. 21, n. 1, 2017. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXI_1/agb_xxi_1_versao_internet/Revista_AGB_JanDez2017-08.pdf. Acesso em: 29 set. 2023

LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Anuário Antropológico**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 251–290, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6871>. Acesso em: 29 set. 2023.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Editora pedagógica e Universitária, Ltda. São Paulo, SP, 1986.

MARCUSCHI, L. A.; PRETI, Dino (Org.). O discurso oral culto. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 1, n. 4, 1998. DOI: 10.18309/anp.v1i4.294. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/294>. Acesso em: 29 set. 2023.

MONTELES, R. PINHEIRO, C. U. B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Paraíba. v. 7, n. 2, p. 38-48, 2007. Disponível em: <http://bioterra/workspace/uploads/artigos/etnobotanica-518178b5ca552.pdf>. Acesso em: 29 set. 2023.

MOREIRA, F. E. B. **Um modelo de avaliação da evolução geométrica das patologias em vias não pavimentadas: aplicação ao caso do município de Aquiraz, CE**. 176 f. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Transportes) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Transportes. Universidade Federal do Ceará (UFCE), 2003. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/4896>. Acesso em: 07 set. 2023.

MOREIRA, E. Conhecimento tradicional e a proteção. **T&C Amazônica**, v. 5, n. 11, p. 33-41, 2007. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/725/>. Acesso em: 01 set. 2023.

OLIVEIRA, N. da S.; MAIO, M. C. Estudos de comunidade e ciências sociais no Brasil **Revista Sociedade e Estado**. v. 26, n. 3, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922011000300006>. Acesso em: 22 ago. 2023.

OLIVEIRA, E. R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte, MG. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu. v. 14, n. 2, p. 311-320, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-05722012000200010>. Acesso em: 22 ago. 2023.

OLIVEIRA, W. A. **Os recursos vegetais e o saber local nos quintais da Comunidade de Santo Antônio do Caramujo, Cáceres, Mato Grosso, Brasil**. 104 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Florestais) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecaflorestal.ufv.br/bitstream/handle/123456789/9760/Dissertacao>. Acesso em: 22 ago. 2023.

PAGEL, V. V. B. **A organização do trabalho pedagógico da educação do campo gestada em salas anexas, no distrito de Vila Aparecida, município de Cáceres, MT**. 151 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação

em Educação. Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Cáceres, MT, 2012. Disponível em: http://portal.unemat.br/media/oldfiles/educacao/docs/dissertacao/2012/valdivina_vilela_bueno_pagel.pdf. Acesso em: 22 ago. 2023.

PASA, M. C. **Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no Alto da Bacia do Rio Aricá Açu, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil**. 189 f. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – Programa de Pós-Graduação em Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais (PPGERN). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1721>. Acesso em: 22 ago. 2023.

PASA, M. C.; NETO, G. G.; OLIVEIRA, W. A. A etnobotânica e as plantas usadas como remédio na comunidade Bom Jardim, MT, Brasil. **FLOVET – Flora, Vegetação e Etnobotânica**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/flovet/article/view/659>. Acesso em: 29 set. 2023.

PENROD, J.; PRESTON, D. B.; CAIN, R.; STARKS, M. T. A discussion of chain referral as a method of sampling hard-to-reach populations. **Journal of Transcultural Nursing**. v. 4, n. 2, 2003. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12772618/>. DOI: 10.1177/1043659602250614. Acesso em: 22 ago. 2023.

PEREIRA, P. V. M.; NETO, L. F. F. Conservação de espécies florestais: um estudo em quintais agroflorestais no município de Cáceres, MT. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental Santa Maria**. v. 19, n. 3, p. 783-793, 2015. Disponível em: DOI: 105902/2236117018364. Acesso em: 07 set. 2023.

QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA, Â. M.; VIEIRA, N. F. C. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista de Enfermagem**. UERJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 276-83, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2020779/mod_resource/content/1/. Acesso em: 07 set. 2023.

SILVA, E. A. M.; NUNES, L. Efeitos socioeconômicos da infraestrutura de transportes nas localidades turísticas – pavimentação da estrada GO-239 na Vila de São Jorge, GO. X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP. **Anais...** 2005. Disponível em: <http://observatorio.geograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografia deltransporte/15.pdf>. Acesso em: 01 set. 2023.

SILVA, M. J. da; SATO, M.T. Territórios em tensão: o mapeamento dos conflitos socioambientais do Estado de Mato Grosso-Brasil. **Ambiente & Sociedade**. v. 15, n. 1, p. 1-22, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2012000100002>.

SILVA, P. H. da; OLIVEIRA, Y. R.; ABREU, M. C. de. Entre símbolos, mistérios e a cura: plantas místicas dos quintais de uma comunidade rural piauiense. **Gaia Scientia**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1981-1268.2018v12n1.33196. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/33196>. Acesso em: 29 set. 2023.

SOUSA, F. F. de; SILVA, C. V.; BARROS, F. B. Comida do sítio, comida de festa: apropriações e usos alimentares do miriti nos contextos rural e urbano de Abaetetuba, Pará. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences, v. 38, n. 2, p. 143-151, 11 out. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/31310>. Acesso em: 29 set. 2023.

SOUZA, N.S de; FEGURI, E. Ocorrência da Sigatoka negra em bananeira causada por *Mycosphaerella fijiensis* no Estado de Mato Grosso. **Fitopatol. Bras**, v.29, n.2, p.225, 2004.

SPANHOLI, M. L.; BARRETO, M. R. Uso popular de recursos vegetais e perfil socioeconômico de moradores de comunidades rurais de Sinop, Mato Grosso, Brasil. **Gaia Scientia**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1981-1268.2018v12n1.33130. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/33130>. Acesso em: 29 set. 2023.